

**“É DAR E RECEBER”:**  
**ANOTAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A RETRIBUIÇÃO DE**  
**PEDIDOS NA UMBANDA A PARTIR DA TEORIA DA DÁDIVA DE**  
**MARCEL MAUSS**

Bruno Rodrigo Dutra

*“As oferendas aos homens e aos deuses têm também por objetivo obter a paz com uns e outros”.* Marcel Mauss

É muito comum, no Brasil, presenciarmos diversas manifestações religiosas seja no âmbito mais íntimo, em nossas casas, em lares de familiares; ou mesmos nas diversas festividades de cunho religioso que são realizadas em diversas regiões de nosso país. É comum, da mesma forma, estarmos pessoalmente imersos em orações, procissões, em pedidos fervorosos e muitas vezes nos comprometendo em promessas de retribuição de graças recebidas.

Desde que iniciei minhas pesquisas no campo religioso, algo que sempre me chamou a atenção foi o fervor religioso, é impressionante a forma como as pessoas se envolvem com as manifestações religiosas, sejam as mais particulares. No campo das religiões afro-brasileiras esse aspecto é muito marcante. Impressiona a forma como, no candomblé, por exemplo, os Filhos e Filhas-de-santo, se envolvem com os rituais e as obrigações.

Na Umbanda, que é meu objeto principal de pesquisa, isso não é diferente. Durante minhas pesquisas para a conclusão de meu mestrado em Ciências da Religião da PUC Minas (concluído em 2011), fiquei durante bom tempo imerso no universo umbandista, seus rituais, ensinamentos e sua magia. Digo magia não somente no aspecto prático da palavra, mas também em toda poesia que esta palavra carrega. O encantamento com os odores, os dizeres, as músicas, danças e os rituais foi praticamente imediato, embora a consciência de sempre separar o objeto de pesquisa com meu *eu* particular.

A pesquisa foi desenvolvida também, a partir da observação participativa. Participei de diversas festas e rituais, e em muitos momentos presenciei e escutei das bocas carinhosas e algumas Filhas-de-santo, o carinho e o comprometimento com que tratavam sua religião. A partir daí, me perguntava sempre como aquelas pessoas, muitas vezes recolhidas em sua timidez e simplicidade, empenhavam seus poucos recursos financeiros,

seu tempo precioso e sua energia na feitura das festas e dos rituais, na entrega de seus corpos no processo íntimo e coletivo do transe, nos momentos que se doavam para quem precisasse para oferecer-lhes conforto em suas consultas (quando possuídos pelos seus guias). Perguntava-me, de onde vinha tanta disposição, tanta dedicação para aquele trabalho árduo da prática umbandista.

No final da pesquisa, tive contato com alguns artigos de Marcel Mauss. De fato, fiquei muito interessado em compreender suas teorias sociais e antropológicas, me debrucei sobre seu *Ensaio sobre a dádiva*, e ali comecei a ter certa noção do que poderia me responder a respeito de meus questionamentos durante a pesquisa.

A intenção não é compreender a fé, algo que deixo para meus companheiros teólogos, mas sim entender porque, nas diversas religiões, as pessoas sentem-se na obrigação de retribuir as tais *graças* recebidas. A pesquisa de Mauss nos traz certos subsídios teóricos que podem contribuir para a compreensão de nossas questões.

Mauss, neste magistral estudo, parte de um pressuposto básico sobre as formas contratuais em sociedades arcaicas, mas que certamente são aplicadas às sociedades *modernas*. A ideia básica está na máxima proposta por ele, da obrigação tripartite de dar, receber e retribuir (Mauss, 2003).

Partindo deste pressuposto, Mauss indica que a relações sociais são baseadas em esquemas *contratuais* em que os indivíduos que se relacionam estabelecem estas obrigações mutuamente a partir da noção de aliança, que de acordo com Lanna,

O argumento central do *Ensaio* é de que a dádiva produz a aliança, tanto as alianças matrimoniais, como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade). (Lanna, 2000, p. 175)

A aliança que as individualidades estabelecem entre si e com as coletividades, são reforçadas pela obrigatoriedade de oferecer as dádivas, as mais diversas e o reforço destas alianças se dão a partir do recebimento e da retribuição destas dádivas. Torna-se um movimento sincrônico permanente que, indefinidamente, vão restabelecer e matizar as relações sociais.

A própria palavra religião, cuja etimologia proveniente de latim *religare*, já diz respeito a re-ligar, re-fazer as alianças. De maneira geral, as religiões procuram estabelecer

(ou restabelecer) as ligações dos homens particularmente com as divindades, e isso pode ser dar a partir de momentos ritualísticos privados ou coletivos; neste último caso, estabelecendo também, a ligação, a partir dos rituais e outros elementos, entre os indivíduos, criando laços sociais.

Qualquer casa ou terreiro umbandista é um espaço de convivência e estabelecimento de laços e alianças interpessoais e coletivas. Da mesma forma, o espaço da casa sagrada também é o local de aliança com as divindades. E ali, a lógica de dar, receber e retribuir está em todos os momentos.

O momento da construção do terreiro é especial, pois ali será hospedado o sagrado, ali será a casa especial em que os deuses serão recebidos. É como entregar um presente à divindade e esperar que ela receba com gosto, e o sinal de seu recebimento são os momentos de sua descida e a ocupação de seu espaço, pois

Ao receber alguém estou me fazendo anfitrião, mas também crio, teórica e conceitualmente, a possibilidade de vir a ser hóspede deste que hoje é meu hóspede. A mesma troca que me faz anfitrião, faz-me também um hóspede potencial. Isto ocorre porque “dar e receber” implica também uma troca espiritual, uma comunicação entre as almas.” (Lanna, 200, p. 176)

É desta forma que se processam as trocas de hospedagem na Umbanda. De um lado, oferece-se a hospedagem material, a casa terrena, o espaço físico para sua recepção, e de outro, oferece-se também a hospedagem carnal, seu corpo, como local privilegiado, durante os processos de possessão mística, em que os guias e orixás vêm visitar seus fiéis. Existe ali a possibilidade de que a divindade retribua a hospedagem em seu seio após a morte.

A relação é basicamente contratual. O próprio ritual de iniciação umbandista (que não cabe ser descrito) estabelece um compromisso permanente do iniciado com sua casa, sua Mãe-de-santo e suas divindades protetoras. E esta ligação, a princípio eterna, forma uma rede de proteção em que o iniciado cuida do santo (com presentes, sacrifícios, comida, orações), o santo recebe estas benesses e as retribui. Mãe Norma da Casa de Umbanda “O Além dos Orixás”, localizada em Contagem/MG, me disse certa vez em uma entrevista que o zelador de santo (iniciado):

Cuida [do santo], por que nós temos obrigações a ser cumpridas ano a ano, só que o santo, ele é santo, ele não alimenta, ele é elementar. Então:

“Ah, eu vou dar uma vela pro meu santo.”, na realidade você não tá dando uma vela pro seu santo, porque santo que é santo não precisa de vela, ele já tem luz própria. Aquela luz que nós oferecemos, é pra que ele reverta... Aquela mesma luz que damos, é pra nós. É revertida pra nós através de graças.<sup>i</sup>

Ao entregar a vela, recebe-se a *luz* que é revertida para o presenteador e é esse ato que estabelece a ligação entre o indivíduo e a divindade, possibilitando a comunicação direta entre os dois.

Essas trocas, como o próprio Mauss diz, são as primeiras formas de economia e direito nas sociedades arcaicas (Mauss, 2003). O que diferencia as simples trocas de presentes entre pessoas com a obrigação das dádivas são seu caráter simbólico na sociedade, especialmente entre as coletividades. As dádivas estão cobertas de representatividades simbólicas específicas, pois, como aponta Sabourin,

Cada uma dessas obrigações cria um laço de energia espiritual entre os atores da dádiva. A retribuição da dádiva não seria explicada pela existência dessa forma, dentro da coisa dada: um vínculo de almas, associado de maneira inalienável ao nome do doador, ao seu prestígio. A essa força ou ser espiritual ou à sua expressão simbólica ligada a uma noção ou transação, Mauss dará o nome polinésio de *mana*. (Sabourin, 2008, p. 132)

O *mana*, a energia que está imersa na dádiva diferencia-a de uma simples troca de favores. No momento da doação, não é apenas o bem doado que é entregue, mas toda uma carga espiritual que liga os indivíduos ou as divindades, através do bem doado, pois, de acordo com Mauss,

Tratam-se de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (Mauss, 2003, p. 212)

Nas casas umbandistas, muitos são os momentos em que se percebem processos de troca de dádivas, são muitos momentos de orações, de cantos e danças, todos estes, em homenagem as divindades. Do momento que adentramos na casa, até o momento que saímos, podemos observar os fiéis fazendo referências, orações, sinais manuais e reverências respeitadas às imagens simbólicas dos orixás ou guias. É muito comum, da

mesma forma, observarmos pessoas que frequentam as casas entregando *presentes* a guias preferidos que estejam presentes na sessão.

Certa vez, em uma sessão de Exus, fui como participante, para fazer algumas observações para minha pesquisa de então. Ao chegar, adentrei no recinto e sentei-me como os demais, a espera do início da sessão. A sessão foi lindamente aberta por Mãe Norma e o ritual foi prosseguindo, até o momento mais esperado da possessão (transe místico) e a abertura do abassê<sup>ii</sup> para as consultas aos fiéis. Nesse momento, o *frenesi* impressiona. As pessoas se aglomeram na entrada do abassê e ficam ansiosas pela consulta. Cada uma a sua vez é direcionada para uma entidade e ali ficam o tempo necessário da consulta. Muitos vão em agradecimento, outros pedindo conselhos, e outros tantos (acredito que a maioria) para fazer pedidos. Ali estes pedidos são feitos, e muitas vezes a entidade espiritual passa algumas receitas que a pessoa deve fazer: pode se tratar de despachos com certos produtos específicos, orações, velas, dinheiro. Enfim, o pedido para ser aceito, deve ser *pago* de alguma maneira. Algo que me chamou a atenção, foi a quantidade de pessoas que chegavam com garrafas de uma bebida espumante, chamada de “Chuva de Prata”, que é a preferida das Pombagiras, e outros com algumas caixas de cigarros que são oferecidos aos Exus (os mais diversos, como Tranca-Ruas, Exu Caveira, Sete Encruzilhadas), ou mesmo para o Zé Pelintra. Naquele momento da *gira* todas as entidades fumam (embora fora dali, muitos dos médiuns não fumem), e, parece-me, que em sinal de agradecimento a uma graça, a um pedido atendido, a retribuição é feita.

Na maior parte das vezes, os Exus pedem algum despacho quando é o caso, mas não o fazem com a obrigação de que sejam retribuídos pelo *serviço prestado*. O ato de o fiel, após o recebimento do pedido feito outrora, retribuir espontaneamente, no momento oportuno (na *gira*), e exatamente para o Exu específico, pode ser caracterizado pelo momento proposto por Mauss, de dar-receber-retribuir.

Ora, no momento em que o fiel se dirige a casa de Umbanda, participa do ritual que, embora seja restrito dentro do abassê aos iniciados e médiuns da casa, tem toda uma conotação coletiva, pois todos participam com palmas e cantos; ele tem a oportunidade de se posicionar frente a autoridade sagrada fazendo pedidos. Esta entidade, então oferece ao fiel o pedido realizado, este o recebe, mas a retribuição não é, via de regra, obrigatória. O fiel, como no exemplo, leva e entrega, seja a garrafa de “Chuva de Prata” ou a caixa de cigarros às entidades espontaneamente, não há uma obrigação contratual para isso. O papel da dádiva não é puramente utilitarista, como nos ensinava Mauss, é uma regra moral que se

impõe sobre a sociedade (Mauss, 2003), e que, embora sendo uma regra a seguir, não configura como uma imposição sobre os indivíduos.

As oferendas são outro aspecto de capital importância nas religiões afro-brasileiras. No Candomblé, elas são mais recorrentes e aparecem em muitos rituais. Na Umbanda, existem os elementos simbólicos (as oferendas) que são oferecidos aos orixás e aos guias. Como disse anteriormente, é muito comum que os fiéis, de maneira geral, entreguem bebidas e outros elementos aos Filhos ou Filhas-de-santo como agradecimento, mas dentro do ritual umbandista, a oferenda é muito importante.

Nas casas de Umbanda, alguns orixás têm separadas, suas casas dentro ou fora do terreiro. Na casa de Mãe Norma, ao adentrar no portão frontal, nos deparamos com algumas casinhas separadas, onde estão os orixás ou guias. Elas ficam sempre fechadas, sendo abertas em momentos especiais, nos rituais específicos (de alimentação ou oferenda) deles. Mas existe uma casa que é muito visitada e está sempre aberta. É a casa de Exu, ali (veja a figura 01), vemos a imagem de um Zé Pelintra, algumas imagens de Pombagiras e, nas mãos do Zé Pelintra um copo com um tipo de bebida, abaixo, em seus pés, é observável velas e alguns cigarros que ali são depositados, como oferendas. Sabe-se que os Zé Pelintras são espíritos do universo boêmia, envoltos na imagem estereotipada do *malandro carioca* do início do século XX (Ligiéro, 2004), que *gostam* de uma boa bebida e umas belas baforadas de cigarros. Então, os fiéis depositam bebidas ou cigarros ali, além dos rituais internos, em que também são oferecidas estas *dádivas*. Observando a figura 2, podemos perceber a representação dos ciganos, e logo abaixo a eles, as oferendas de moedas. A lógica é sempre da reciprocidade maussiana: dar-receber-retribuir.

Outro aspecto fundamental que deve ser mencionado são as festividades na Umbanda. Este é um elemento tão importante, que como já mencionei anteriormente (DUTRA, 2011) é traço da formação identitária Umbandista. Quando perguntei a Ema Maria, Filha-de-santo de Mãe Norma sobre a realização das festas, ela me disse:

Retribuição de um presente. Por que as entidades elas ajudam... Se você é um filho de Umbanda que segue direitinho a Umbanda, você pode envergar, mas você não cai não. Você fica doente uma hora, daí duas horas... Eu não sei. A força que eles te dão, eles te ajudam em todos os sentidos. Se você fizer alguma coisa de errado eles puxam sua atenção. Como dizem as meninas... Puxa sua orelha daí a quinze dias: "Ó, cê não pode fazer aquilo lá não, cê fez errado aqui." Tudo por lado da humildade, tudo pro lado de você andar direito, pra você ser certinho. Às vezes até demais. Mas aí a gente faz essas festas pra ele em agradecimento. Quando você faz um churrasco, uma cerveja pra eles, o

prazer deles é uma coisa fora do normal: “Ê moço, eu trabalho o ano inteiro, hoje é um grande dia pra nós.” Eles vão às festas que nós damos a eles. E a gente faz essa festa em agradecimento, porque é um ano de trabalho com eles. É um ano de ajuda.<sup>iii</sup>



**Figura 01**

**Figura 01:** Imagem da casa de Exus na casa “O Além dos Orixás”, observe o copo e os cigarros abaixo de seus pés. Nesta imagem não está aparente, mas em volta da casa, existem algumas prateleiras onde são depositadas bebidas as mais variadas.



**Figura 02**

**Figura 02:** Espaço reservado aos Ciganos. Observe as moedas em seus pés.

Não somente na Umbanda, mas nas religiões, de maneira geral, a festa integra os participantes num momento de *frenesi* especial, em sua análise, Léa Perez analisa a festa apontando que:

A festa é antes de mais nada e acima de tudo, um ato coletivo *extra-ordinário*, *extra-temporal* e *extra-lógico*. Significa dizer que a condição da festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, interdependentes um do outro, que se *con-fundem* uns com os outros, a saber: um grupo em estado de exaltação (leia-se fusão coletiva e efervescência) que consagra sua reunião a alguém ou a uma coisa (toda festa é sacrifício) e que, assim procedendo, liberta-se das amarras da temporalidade linear e da lógica da utilidade e do cálculo, pois a festa é uma sucessão de dispêndio, da exacerbação, da dilapidação. Em resumo: a festa instaura constitui um outro mundo, uma outra forma de experimentar a vida social. (Perez, 2002)

As festas são, de fato, momento de convivência e efervescência coletiva, que tira as pessoas de sua vida cotidiana e os insere em outro momento, especial, de relacionamento social. Nas religiões afro-brasileira, isso não é diferente, inicialmente porque o calendário

festivo que dá o ritmo litúrgico das casas ou terreiros (Berkenbrock, 2002), e são momento especial, como diria Ema Maria, de retribuição das *graças*, da proteção e dos conselhos oferecidos pelos guias e orixás.

### **Nota final**

O principal objetivo deste breve trabalho não foi fazer uma densa reflexão teórica sobre a teoria da dádiva de Marcel Mauss. Não tenho dúvida que reduzir a magistral teoria de Mauss a pequenos e simples exemplos como estes que coloquei é algo que desqualificaria seus estudos. No entanto, a intenção era tentar incluir a premissa básica de Mauss na Umbanda, algo que já me incomodava anteriormente.

A intenção é que possa continuar os estudos sobre Mauss, buscando da vez mais, compreender suas reais observações, bem como as novas reflexões que são feitas a respeito. Não podemos reduzir suas observações a um aspecto sócio cultural (como a religião), pois Mauss trabalha como a noção de fato social total, não redutível, mas interdependente. Pretendia-se incluir essas reflexões na Umbanda e no futuro, sofisticar a discussão abrindo o campo, buscando novas abordagens.

### **Referências Bibliográficas.**

BERKENBROCK, Volney J. A festa nas religiões afro-brasileiras. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUTRA, Bruno R. **“São muitas bandas em uma só”**: identidade religiosa na Umbanda – estudo de caso na casa “O Além dos Orixás”: Contagem/MG. (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva. In: **Revista sociologia e política**. Curitiba, vol. 14, jun. 2000.

LIGIÉRO, Zeca. **Malandro divino: a vida e a lenda de Zé Pelintra**, personagem mítico da Lapa carioca. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. In: Revista crítica de ciências sociais. Coimbra: n. 73, dezembro de 2005;

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: Mauss, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. In: **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo: vol. 23, n. 66, fevereiro/2008.

---

<sup>i</sup> Entrevista realizada com Mãe Norma de Nanã em 30 de setembro de 2010 na casa de Umbanda “O Além dos Orixás” em Contagem/MG, para a conclusão da pesquisa de mestrado defendida em 2011 no curso de Ciências de Religião na PUC Minas.

<sup>ii</sup> O abassê é o espaço interno próximo ao altar principal das casas de Umbanda, geralmente separados da assistência (local onde ficam os fiéis que assistem aos rituais) e que só entram membros da casa ou iniciados com autorização da Mãe de Santo, local sagrado por excelência, utilizado para as danças e cantos e ao mesmo tempo para a possessão, não se pode profaná-lo com calçados, todos (com exceção da Mãe-de-santo), devem entrar descalços.

<sup>iii</sup> Entrevista com Ema Maria realizada no dia 06/04/2011, para a dissertação de mestrado “São muitas bandas...”, defendida no Programa de Mestrado em Ciências da Religião da PUC Minas.